

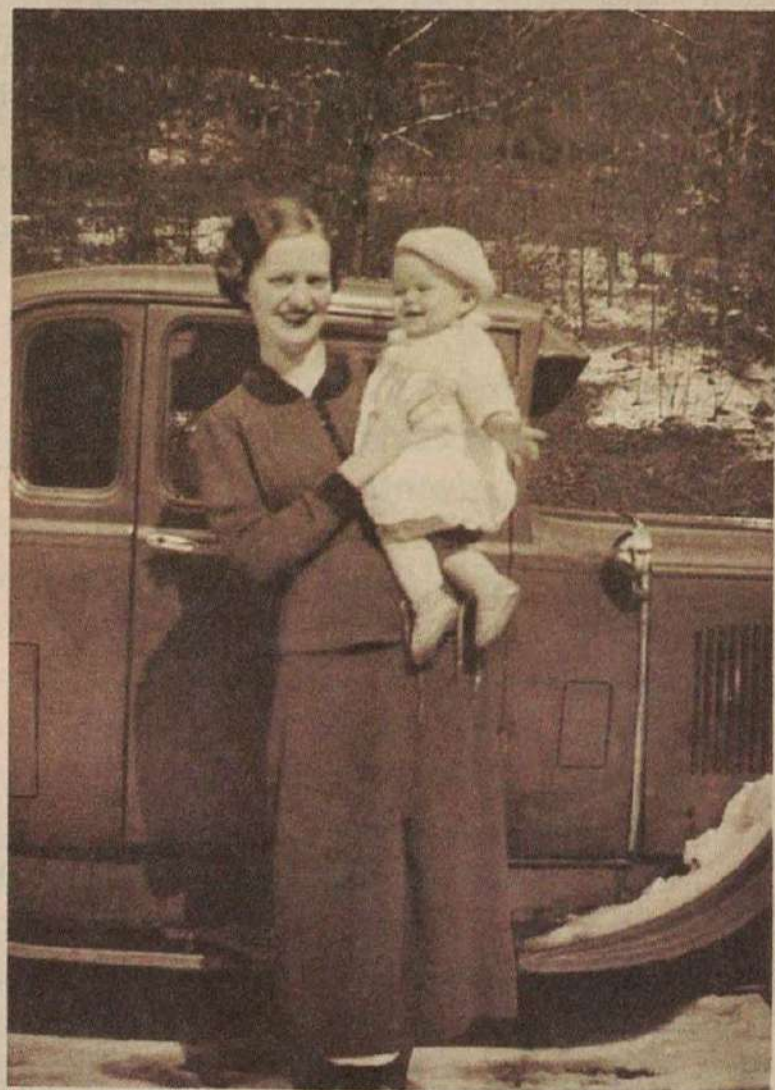
A breve fuga

Por LEE MAYNARD

DESÇO DO avião e corro pelas ruas molhadas e cinzentas até o hospital. Então me sento ao lado do leito de minha mãe no grande quarto branco. O cabelo grisalho está bem penteado. Os olhos se encontram fechados, mas de vez em quando noto ligeiros movimentos, como se pensamentos secretos lhe cruzassem a mente. Observo-a respirar com suavidade. Fico imaginando se minha mãe sabe que estou aqui. Fico imaginando se sabe que sou seu filho.

Há muito a dizer, e ninguém a quem dizê-lo. Esperei demais. E mais uma vez espero.

O ombro dela se contrai e eu lhe tomo a mão e aspiro o perfume que, mesmo depois de todos esses anos, diz que ela é minha mãe. Sinto seus dedos se mexerem.



Tal mãe, tal filho – Ambos se destinavam a horizontes distantes.

Enfio a mão dentro da *parka* e toco o velho botão marrom liso costurado no forro, logo acima do coração. Esse mesmo botão foi costurado em todas as *parkas* que tive até hoje. Lembro-me do dia em que o peguei como se fosse ontem.

Somos uma pequena família lu-

Momento decisivo

tando para sobreviver na região dos Apalaches. Meu pai tem dois empregos e precisa viajar até uma cidade próxima.

SOU UMA CRIANÇA DE muita imaginação, e sinto que não pertencço àquele lugar. Fujo a cada oportunidade. Mas não há para onde ir – apenas os grandes montes ou o rio lamacento. Mas nem mesmo isso me detém. E eu fujo novamente.

Dessa vez, fujo para a mata por causa de alguma desfeita inventada. Meu rígido e ingênuo senso de justiça me obriga a ir em frente. *Vou mostrar a ela. Vou fazer com que se arrependa.*

Mas então vêm o frio e a fome, e volto correndo da floresta, tropeçando sob a luz fria da noite até chegar à casa de madeira em ruínas à margem do rio. No entanto, ela se foi.

Presume-se que as mães devam sempre estar à nossa espera.

Corro pelos pequenos cômodos. Não tem fogo na lareira; a casa está fria. Saio, contorno a choupana, pisando forte no chão de terra batida. Pequenos galhos me açoitam o rosto enquanto avanço pela margem do rio até a casa vizinha, a meio quilômetro de distância.

Não, rapaz, sua mãe não está aqui. Chegou ainda era dia, deixou

sua irmã. Falou... bem, não disse nada de que me lembre. Só deixou sua irmã. E sumiu.

Sumiu? Por quê? Como pôde fazer isso comigo?

Talvez já quisesse sumir havia muito tempo. Afinal, o que está fazendo neste lugar onde não há piano para tocar, onde ninguém canta, onde ninguém pode ouvir a melodia de sua voz? Mas por que me abandonou aqui?

Caminhando de volta ao rio, sento-me num banco de areia e jogo bolas de terra na água e nos salgueiros. Então, num dos salgueiros, vejo balançar o casaco esfarrapado de minha mãe.

Corro pelos tocos de bambus até o casaco. E o pensamento me atinge

como um raio: ela fugiu. Atravessou o rio para Kentucky.

Afastando os galhos dos salgueiros, entro no rio gritando: "Mãe!" Berro até ficar rouco. Exausto, volto ao escorregadiço banco de areia e olho o casaco novamente – esfarrapado sinal de seu abandono. E começo a rasgá-lo, batendo-o contra os arbustos e o chão. Um botão marrom, grande e liso, solta-se em minha mão. Por fim, atiro o casaco no rio.

NÃO QUERO entrar em casa. Então encontro uma velha manta de cavalos no estábulo e me sento enrolado

Então vêm
o frio e a
fome, e volto
correndo
até a casa à
margem
do rio.

Momento decisivo

contra a escuridão fria e molhada, tentando derreter o gelo que enche meu coração.

DE MANHÃ, ainda estou ali, esperando, quando o sol desponta no alto dos montes e minha mãe surge caminhando pela estrada de terra em direção a casa. Anda com a elegância que nenhum de nós jamais terá, a luz cintilando nos cabelos ruivos, um xale em torno do pescoço.

Quando me vê, não diz nada. Sei que está zangada comigo por eu ter fugido no dia anterior.

Depois que a lareira está acesa e a casa aquecida, entro na cozinha e me sento num caixote. Ela está falando, como se para si mesma, mas sei que fala comigo. Uma senhora da região estava doente, diz. Ela foi ajudar.

Mas vi seu casaco jogado na beira do rio.

Ah, você viu meu casaco. Dei para a vizinha. Tenho o xale, e ela não

estava agasalhada. Você sabe que ela não é muito... certa. Imagino que nem tenha chegado em casa com ele.

Minha mãe me olha e sabe o que estou pensando: que ela fugiu.

A pessoa forte não foge *de* um lugar, ressalva ela. Isso não é jeito de viver. Mas pode fugir *para* algum lugar. Se houver algo melhor.

Mamãe me serve o café da manhã: pão, *bacon* e manteiga caseira. Nessa hora sei que estou perdoado. Mas não digo a ela o que fiz com seu casaco.

Os ANOS se passam. Agora me encontro sentado no grande quarto branco, segurando a mão de minha mãe. Tateio o velho botão marrom por dentro da *parka*. Nos milhares de vezes em que quis fugir de algum lugar, toquei esse botão. E mudei de idéia.

Aperto o botão e sei que ela não está apenas correndo, está correndo para algum lugar...

ALGUMA SEMELHANÇA?



Um de meus filhos precisava de dez dólares para um jogo de hóquei da escola, cinco dólares para o Festival de Inverno e mais dois dólares para uma *pizza*. O outro filho também pedia dois dólares para comprar um sanduíche de peru.

— Estamos precisando é de uma árvore de dinheiro — comentei. — Quando eu era menina, meu avô falou que ia comprar uma árvore de dinheiro para mim. Chegou até a se sentar e fazer um esboço de como ela ia ser.

Então, meu marido, que prestava atenção à nossa conversa, perguntou:

— E ela se parecia comigo?

—LAURIE BROWN, *Canadá*

Entre aspas

Quer saber? Tenho nojo do luxo.

—GIORGIO ARMANI

Quando você vir a escuridão, há uma oportunidade extraordinária para que a luz brilhe ainda mais forte.

—BONO em *Spin*

Antes de criticar a pessoa, caminhe um quilômetro com os sapatos dela. Assim, quando a criticar, estará a um quilômetro de distância e terá os sapatos dela.

—citado em *The Sisterhood of the Traveling Pants*, de Ann Brashares (Delacorte Press)

Não importa que tipo de formação dois homens possam ter; é só você dizer “Pois é, as mulheres são todas loucas” que você ganha um amigo.

—CHRIS ROCK em *Us Weekly*

Quem disse?

Falar de um assunto não é fazer apologia dele. Calar pode ser.

- a) Boris Casoy
- b) Glória Perez
- c) Gabriel O Pensador
- d) Marília Gabriela

—VEJA A RESPOSTA ABAIXO

b) Glória Perez na *IstoF*

Toda grande arte vem da sensação de afronta.

—GLENN CLOSE na *More*

Quando o coração fala, a mente acha de mau gosto objetar.

—MILAN KUNDERA,
The unbearable lightness of being
(HarperPerennial)

O dia em que as pessoas param de nos trazer problemas é o dia em que deixamos de liderá-las.

—COLIN POWELL, *My American journey*

Não tenha medo da perfeição – você nunca vai alcançá-la.

—SALVADOR DALÍ, *Diary of a genius*

Há quem diga que o ciúme faz parte da natureza humana. Pode até ser. O problema é que é muito difícil ser elegante e sensato quando ele fala mais alto do que a própria vontade ou quando sofremos a pressão da desconfiança.

—CLAUDIA MATARAZZO em *Amante elegante* (Editora Melhoramentos)